

**COLÉGIO PEDRO II**

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura

**PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE ESPANHOL**

Davidson Martins Viana Alves

**ESPAÑHOL EM CONTATO COM LÍNGUAS  
AFRICANAS: uma revitalização da crioulistica palenquera**

Rio de Janeiro  
2025



Davidson Martins Viana Alves

**ESPAÑHOL EM CONTATO COM LÍNGUAS AFRICANAS: uma revitalização  
da crioulistica palenquera**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Ensino de Espanhol, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II (PROPGPEC-CPII), como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de

Orientadora Profa. Dra. Regina Célia de Lima e Silva

Rio de Janeiro  
2025

**COLÉGIO PEDRO II**

**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA**

**BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER**

**CATALOGAÇÃO NA FONTE**

A474 Alves, Davidson Martins Viana  
Espanhol em contato com línguas africanas : uma revitalização da crioula palenquera / Davidson Martins Viana Alves. – Rio de Janeiro, 2025.  
  
23 f.  
  
Artigo Científico apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Espanhol) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.  
  
Orientador: Regina Célia de Lima e Silva.  
  
1. Língua espanhola - Estudo e ensino. 2. Língua espanhola - Colômbia. 3. Contato linguístico. 4. Movimentos antiimperialistas. 5. Anticolonialidade. 6. Linguagem e línguas. I. Silva, Regina Célia de Lima e. II. Colégio Pedro II. III. Título.  
  
CDD 468

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB-7: 5692.

Davidson Martins Viana Alves

**ESPAÑHOL EM CONTATO COM LÍNGUAS AFRICANAS: uma revitalização da crioulista palenquera**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Ensino de Espanhol, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II (PROPGPEC-CPII), como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de

Aprovado em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dra. Regina Célia de Lima e Silva (Orientadora)  
Colégio Pedro II (CPII)

---

Prof. Dra. Fabiana Oliveira de Souza  
Colégio Pedro II (CPII)

---

Prof. Dr. Fábio Sampaio de Almeida  
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ)

Rio de Janeiro  
2025

## **ESPAÑHOL EM CONTATO COM LÍNGUAS AFRICANAS: uma revitalização da crioulista palenquera**

Davidson Martins Viana Alves

### **Resumo**

Analisa-se o palenquero, língua crioula afro-hispânica de San Basilio de Palenque, na Colômbia, resultante do contato entre o espanhol colonial e línguas banto, como o kikongo e o kimbundu. Busca-se compreender como a gramática da língua crioula revela processos de resistência e reconfiguração linguística de matrizes africanas em território latino-americano. Constata-se que, longe de ser um “espanhol corrompido”, esta língua constitui um sistema autônomo, estruturado e funcional, cuja gramática reflete a criatividade linguística e cognitiva afrodiáspórica. A justificativa baseia-se na relevância sociolinguística e histórica da língua como símbolo de resistência e preservação identitária. O estudo adota pressupostos da sociolinguística do contato (Thomason, Kaufman, 1988; Mufwene, 2001; Dieck, 2000; Schwegler, 2002; Lipski, 2020) e da anticolonialidade epistêmica (Quijano, 2000; Candau, 2009; Walsh, 2009; Santos, 2010; Mignolo, 2017; Almeida, 2022), articulando língua, história e cognição compartilhadas. Metodologicamente, combina-se análise comparativa interlinguística, com foco em dados documentados em estudos de campo e descrições recentes. Os resultados apontam que o palenquero apresenta simplificação morfológica, transparência semântica e regularidade estrutural, mantendo a ordem SVO e incorporando partículas aspectuais e pronomes de substrato. Tais características confirmam sua estabilidade gramatical e autonomia funcional. Como projeção futura, defendem-se políticas de revitalização linguística e o uso pedagógico do palenquero nas escolas, visando à valorização da africanidade e à descolonização do saber linguístico. Assim, a língua não será concebida como um mero objeto científico, mas constituída como agente de transformação, capaz de inspirar práticas educativas e projetos de valorização da diversidade.

**Palavras-chave:** palenquero; espanhol colombiano; línguas em contato; anticolonialidade; diversidade linguística.

# ESPAÑOL EN CONTACTO CON LENGUAS AFRICANAS: una revitalización de la criollística palenquera

Davidson Martins Viana Alves

## Resumen

Se analiza el palenquero, lengua criolla afrohispanica de San Basilio de Palenque, en Colombia, resultado del contacto entre el español colonial y lenguas bantú, como el kikongo y el kimbundu. Se busca comprender cómo la gramática de esta lengua criolla revela procesos de resistencia y reconfiguración lingüística de matrices africanas en territorio latinoamericano. Se constata que, lejos de ser un “español roto”, constituye un sistema autónomo, estructurado y funcional, cuya gramática refleja la creatividad lingüística y cognitiva de la diáspora africana. La justificación se basa en la relevancia sociolingüística e histórica de la lengua como símbolo de resistencia y preservación identitaria. Se adoptan los referenciales de la sociolingüística del contacto (Thomason y Kaufman, 1988; Mufwene, 2001; Dieck, 2000; Schwegler, 2002; Lipski, 2020) y de la anticolonialidad epistémica (Quijano, 2000; Candau, 2009; Walsh, 2009; Santos, 2010; Mignolo, 2017; Almeida, 2022), articulando lengua, historia y cognición compartidas. Metodológicamente, se combina el análisis comparativo interlingüística, con énfasis en datos documentados en estudios de campo y descripciones recientes. Los resultados señalan que el palenquero presenta simplificación morfológica, transparencia semántica y regularidad estructural e incorpora partículas aspectuales y pronombres de sustrato. Tales características confirman su estabilidad gramatical y autonomía funcional. Como proyección futura, se defienden políticas de revitalización lingüística y el uso pedagógico del palenquero, con el fin de valorar la africanidad y descolonizar el saber lingüístico. Así, la lengua no solo es un objeto científico, sino un agente de transformación capaz de inspirar prácticas educativas y proyectos de valorización de la diversidad.

**Palabras clave:** palenquero; español colombiano; lenguas en contacto; anticolonialidad; diversidad lingüística.

## INTRODUÇÃO

A história linguística da América Latina é profundamente marcada por processos de contato, dominação e resistência. Nesse contexto, o espanhol, enquanto língua colonial de expansão e poder, coexistiu com uma multiplicidade de línguas indígenas e africanas que contribuíram para sua reconfiguração e pluralização. Entre as heranças mais notáveis desse processo encontra-se o palenquero, língua crioula<sup>1</sup> de base lexical espanhola falada em San Basilio de Palenque, na Colômbia. Muito além de um simples vestígio histórico, essa realidade linguística se constitui de um testemunho vivo da criatividade linguística e da resistência cultural dos povos africanos escravizados e de seus descendentes.

Este estudo insere-se no campo da crioulistica afro-hispânica, que investiga as línguas resultantes do contato entre o espanhol e diversas línguas africanas, especialmente as do grupo banto, como o kikongo, o kimbundu e o umbundu. Essas línguas foram trazidas à América durante o sequestro de africanos escravizados entre os séculos XVI e XIX e, ao interagir dinamicamente com as línguas europeias coloniais, resultou-se na emergência de novas formas linguísticas híbridas, que reconfiguraram o espanhol, o português e o francês caribenho de maneira profunda e duradoura (De Granda, 1968, 1978; Holm, 2000; Lipski, 2020).

No caso específico da comunidade investigada, situada na região caribenha da Colômbia, o isolamento geográfico e o caráter autônomo da comunidade foram decisivos para a preservação de uma língua própria. Fundado por africanos *cimarrones*, quilombolas, o palenque tornou-se, a partir do século XVII, uma língua da liberdade, onde tradições africanas puderam ser mantidas, recriadas e transmitidas de geração em geração (Friedemann, 1983; Navarrete, 2008). Esse cenário sociocultural propício à hibridação linguística permitiu que o espanhol em contato com o substrato africano evoluísse de um pidgin<sup>2</sup> funcional a um crioulo estável, nativizado, com estrutura gramatical e fonológica própria.

A discussão em torno da referida língua ultrapassa os limites da linguística, tratando-se também de uma questão de identidade, memória e resistência. Durante séculos, a língua foi marginalizada e considerada um “espanhol corrompido” (Arrázola, 1970), reflexo de um olhar eurocêntrico que negava a legitimidade das formas linguísticas afrodescendentes. No entanto,

---

<sup>1</sup> Uma língua resultante da aquisição, por um grupo subordinado, da língua de um grupo dominante, com mudanças fonológicas, simplificação da gramática e uma mistura do vocabulário do grupo subordinado, servindo como língua materna de seus falantes, e não apenas para a comunicação entre pessoas de línguas diferentes. (MERRIAM-Webster Dictionary, 2025, s/p, tradução nossa)

<sup>2</sup> Uma forma simplificada de fala usada para a comunicação entre pessoas que possuem línguas diferentes. (MERRIAM-Webster Dictionary, 2025, s/p, tradução nossa)

desde as últimas décadas do século XX, pesquisadores como John Lipski, Armin Schwegler e Nina de Friedemann vêm demonstrando que esta língua possui um sistema gramatical plenamente autônomo, dotado de coerência interna e regras que combinam traços ibéricos e africanos de maneira inovadora. Assim, estudar o palenquero significa revisitar os fundamentos da crioulistica e, simultaneamente, problematizar a colonialidade do saber linguístico.

Esta língua é, portanto, uma forma de resistência histórico-cognitiva. Cada palavra, cada traço fonético e cada construção sintática refletem a luta pela afirmação de uma identidade que outrora tentou ser roubada e vilipendiada. Nesse sentido, ele se constitui no que Ngũgĩ wa Thiong'o (1986) chama de “território da descolonização da mente”, um espaço linguístico onde o colonizado subverte o idioma do colonizador, moldando-o à sua visão de mundo. Do ponto de vista sociocognitivo, o processo de crioulição que deu origem a esta nova língua é também um processo de reconstrução cultural e de invenção de uma nova comunidade discursiva.

Sendo assim, este artigo propõe-se a discutir o contato entre o espanhol e as línguas africanas que geraram uma nova língua, explorando tanto os aspectos linguísticos (fonológicos, morfossintáticos e lexicais) quanto os socioculturais e históricos que o sustentam. Partindo da análise do contato afro-hispânico sob a perspectiva da sociolinguística de contato, o trabalho busca evidenciar como o palenquero se constitui como uma língua de resistência e de memória, e como seu estudo contribui para a descolonização dos estudos linguísticos e para o reconhecimento das heranças africanas na formação do espanhol americano.

Além de abordar a história e suas influências bantas, o artigo também reflete sobre as políticas linguísticas e os esforços de revitalização empreendidos na Colômbia contemporânea. Hoje, o palenquero vive um processo de revalorização cultural e ensino bilíngue, impulsionado por projetos educacionais e midiáticos que o reconhecem como patrimônio imaterial da nação e símbolo de identidade afrodiáspórica (Navarrete, 2008; Lipski, 2020). Assim, compreender sua formação e estrutura é compreender também a história de resistência linguística de toda população negra da região, uma história que desafia o apagamento colonial e reitera o papel das línguas africanas na tessitura cultural das Américas.

## **1. DISCUSSÃO TEMÁTICA**

### **1.1. Desbravando a história de uma Colômbia negro-africana**

A origem de San Basilio de Palenque, como pode se notar nas figuras 1 e 2, está profundamente vinculada ao processo histórico da diáspora africana nas Américas, um dos eventos mais impactantes da história moderna. Fundado no século XVII por *cimarrones*, o

palenque representou a concretização de um projeto de liberdade em meio a um mundo dominado pela violência colonial. Localizado nas encostas montanhosas próximas a Cartagena de Indias, na atual Colômbia, o vilarejo tornou-se um refúgio autônomo, um verdadeiro quilombo, onde os descendentes de africanos escravizados na região recriaram, sob novas condições históricas, suas formas de vida, crença, linguagem e organização social.

Figura 1 – Escultura de Benkos Biohó, fundador da comunidade



Fonte: <https://pt.juanballena.com/products/paseio-para-palенque-desde-cartagena>

Na figura 1 se tem a imagem memorialística de Benkos Biohó. De acordo com informações de Arrázola (1970), Friedemann (1983) e Navarrete (2008), ele era um negro escravizado que nasceu em Bijagós, Guiné-Bissau, que recebeu o nome cristão de Domingos e era considerado o rei de Arcabuco, por ser o principal líder quilombola das regiões pantanosas e de mata fechada daquela região norte da Colômbia. Segundo os autores, Benkos foi capturado e levado para Cartagena das Índias em 1596, escapou em 1599 e organizou um movimento de resistência, fundando o Palenque de San Basilio, considerado o 1º quilombo das Américas. Ainda, em 1605, ele firmou um tratado de paz com o governador de Cartagena, oficializado em 1612, mas, como de se esperar de ações de homens brancos europeus, Benkos foi traído, capturado em 1619 e executado em 1621. Com o passar do tempo, seu palenque (quilombo) foi reconhecido pela coroa espanhola em 1691, tornando-se a 1ª comunidade negra livre das Américas e em 2005, San Basilio foi declarado Patrimônio Imaterial da Humanidade.

Figura 2 – Mapa físico da Região de San Basílio de Palenque, Cartagena, Colômbia



Fonte: <https://cenpah.wordpress.com/2010/02/03/palenque-de-san-basilio-%E2%80%93-o-negro-na-colombia-a-invisibilidade-do-negro-na-america-latina/>

Em continuidade, é possível observar na figura 2 um mapa da Colômbia e têm-se as informações de que San Basilio de Palenque localiza-se no norte da Colômbia, na região do Caribe colombiano, a aproximadamente 70 quilômetros da cidade de Cartagena, capital do Departamento de Bolívar. Colômbia é organizada administrativamente em Departamentos, que constituem suas principais unidades político-administrativas, diferentemente de países que adotam o modelo federativo de estados; dentro dessa estrutura, San Basilio é um corregimento pertencente ao município de Mahates. Sua posição geográfica é estratégica e historicamente decisiva: situado entre as rotas coloniais que conectavam Cartagena ao interior do território, esta região estabeleceu-se como um núcleo de resistência negra, influenciando a formação de outros palenques vizinhos e consolidando uma rede territorial de comunidades quilombolas ancestrais.

Nessa perspectiva, verificou-se que a formação do referido território se inscreve no período de auge do tráfico atlântico de escravizados, entre os séculos XVI e XVIII, pois Cartagena de Indias foi um dos principais portos de desembarque de africanos na América espanhola. Estima-se que milhares de pessoas provenientes das regiões do Congo e de Angola, falantes de línguas bantas, foram levadas à região, sobretudo durante o período da ocupação portuguesa (1580–1640), quando a Coroa Espanhola delegou à monarquia portuguesa a responsabilidade pelo comércio de escravizados. Esses grupos africanos, ao se rebelarem contra a escravidão e fundarem comunidades autônomas, deram origem a uma nova configuração sociocultural, um território simbólico e diaspórico no qual as culturas africanas se reencontram, se hibridizam e se reinventam nas margens do capitalismo ocidental.

Dessa maneira, o surgimento do palenquero pode ser compreendido como parte de um

processo cognitivo coletivo de reconfiguração da experiência africana na diáspora. As comunidades negras escravizadas e libertas nas Américas partilhavam um conjunto de estruturas mentais e epistemológicas comuns, modos de simbolizar, de organizar o tempo, o espaço e as relações sociais, que, ao serem transplantadas para o Novo Mundo, permitiram a reconstrução de universos culturais coerentes e integrados, mesmo sob a brutalidade da escravidão. Esses mecanismos epistêmicos da diversidade humana, manifestos na criação do palenquero, articulam-se com o que Thiong'o (1986) denomina memória linguística ancestral. Mesmo em situações de deslocamento forçado, as populações negro-africanas mantiveram vivos sistemas cognitivos baseados na oralidade, na musicalidade, na repetição rítmica.

Pelo viés antropológico, a comunidade estudada configurou-se como uma sociedade de recomposição africana, onde coexistiam diferentes etnias e línguas que pela necessidade de comunicação geraram uma interlíngua afro-hispânica. Essa língua emergente não era um simples amálgama de vocábulos, mas o resultado de uma reconstrução cognitiva coletiva, guiada pela busca de inteligibilidade entre diferentes etnias. O processo de criouliização, nesse sentido, é simultaneamente linguístico e social: envolve a reorganização simbólica do mundo, a reinvenção de categorias e a criação de uma nova gramática para existir em liberdade.

Em termos filosóficos, as línguas crioulas são fruto de uma dialética entre dominação e resistência, ruptura e continuidade, perda e recriação. Logo, sua formação está intrinsecamente ligada à capacidade humana de reorganizar o conhecimento e produzir novos sistemas a partir da diversidade contra o epistemicídio (Almeida, 2022). Trata-se de um exemplo do que Santos (2010) chama de ecologia dos saberes, a coexistência de epistemologias plurais que resistem à monocultura do pensamento ocidental. No caso de San Basilio, essa ecologia manifesta-se no entrelaçamento de saberes africanos, práticas quilombolas locais, religiosidades sincréticas e uma língua própria que condensa o espírito da resistência.

Nessa perspectiva espiritual, compreende-se que as práticas ritualísticas da comunidade contribuem à transmissão intergeracional do palenquero. Rituais, como o *lumbalú*, canções, mitos, festas e práticas de socialização como jogos e contos são possibilidades de transmissão. Estes espaços de repetição ritualizada configuram-se como suporte de formas linguísticas tradicionais que são reativadas e carregadas de valor simbólico, servindo tanto para ensinar lexemas específicos (terminologia ritual, vocabulário kinésico) quanto para reforçar atitudes identitárias que favorecem a aprendizagem ativa. Esses rituais, vinculados a performances coletivas e a processos de socialização, atuam como dispositivos cognitivos e pedagógicos comunitários: memorização, imitação e modelagem em práticas comunicativas de oralidade.

Portanto, a transmissão desta língua crioula é essencialmente encarnada nas práticas sociais que a tornam relevante e útil às gerações jovens.

Assim, compreender a gênese dessas línguas exige reconhecer que este fenômeno ultrapassa os aspectos linguísticos, pois se enraíza na cognição social compartilhada dos povos africanos na diáspora. Ou seja, a língua palenquera, como expressão dessa cognição, é ao mesmo tempo testemunho histórico e ato político, afirmando a capacidade humana de recriar o mundo a partir da adversidade. Em San Basilio, o verbo tornou-se território, e a palavra, instrumento de liberdade.

## 1.2. Sociolinguística de contato e educação linguística do espanhol

A sociolinguística de contato, campo consolidado por Haugen (1972 [1959]), Thomason e Kaufman (1988), Mufwene (2001) e Lipski (2020), e a crioulistica (Arends, Muysken, Smith, 1994; Holm, 2000), buscam compreender como as línguas interagem em contextos de coexistência e conflito, produzindo mudanças estruturais e simbólicas. Esses autores entendem a língua não como um sistema isolado, mas como um fenômeno social e cognitivo dinâmico, profundamente enraizado nas experiências históricas dos grupos que a utilizam. Em convergência, a crioulistica envolve mecanismos cognitivos universais de simplificação e regramaticalização.

No caso do palenquero, as categorias gramaticais foram reorganizadas sob influência das estruturas das línguas bantas, caracterizadas tipologicamente por sua prefixação, harmonia nominal e sistema tonal, combinadas a um léxico predominantemente espanhol (Lipski, 2020, p. 113). A transferência de padrões bantos explica fenômenos como: uso de partículas preverbiais (*ta, a, tan*) em vez de flexão verbal; marcação de plural por prefixo (*ma gente, ma kuadro*); dupla negação (*no tene ma nada*); simplificação silábica e redução consonantal (*tené, kumé*).

Assim, a sociolinguística de contato revela um conjunto de estratégias linguísticas herdadas das sociedades negro-africanas e adaptadas às condições de vida na diáspora, um mecanismo que serviu como base para a reorganização do espanhol e das línguas bantas em um novo sistema linguístico. Assim, o processo de crioulistica foi, ao mesmo tempo, um ato de recriação cognitiva e involuntariamente um ato de resistência sociocultural. De acordo com Mufwene (2001, p. 38), “as línguas são produtos de comunidades, não de indivíduos isolados”, portanto as línguas emergem como ecossistemas comunicativos em constante evolução, influenciados pelas condições sociais e interacionais de todos os falantes.

Essa ideia dialoga diretamente com a noção de linguística ecológica proposta por Haugen (1972 [1959]), segundo a qual toda língua vive e se transforma em relação a um meio, seja físico, social ou cultural. No palenquero, essa ecologia linguística foi constituída por práticas linguísticas que garantiram coesão, inteligibilidade e continuidade ancestral em meio ao trauma do deslocamento. A partir dessa perspectiva, é possível compreender a língua como expressão de uma cognição situada, enraizada nas experiências coletivas da diáspora africana. A estrutura gramatical e o ritmo dessa língua revelam, portanto, uma racionalidade linguística própria, que se articula com o pensamento e a percepção do mundo herdados da África Central.

No campo educacional, essas reflexões ganham relevância ao se pensar o ensino do espanhol como língua adicional no Brasil. A compreensão do espanhol como uma língua plural, marcada por diferentes realidades, rompe com a visão hegemônica de uma hispanidade eurocentrada. O estudo de línguas africanas e indígenas em contato com o espanhol na América oferece uma oportunidade de reconectar o ensino dessa língua colonizadora à diversidade sociocultural do continente, promovendo uma educação linguística crítica e decolonial. De igual modo, a integração entre linguística, história e pedagogia possibilita uma educação linguística decolonial, comprometida com a reconstrução de epistemologias do Sul (Quijano, 2000; Candau, 2009; Walsh, 2009; Santos, 2010; Mignolo, 2017) e com o fortalecimento da identidade latino-afro-brasileira, numa perspectiva crítica de justiça social.

A partir das contribuições de Moñino e Schwegler (2002) e Lipski (2020), é possível compreender que o espanhol não é um bloco monolítico, mas um conjunto de variedades em diálogo permanente com outras línguas: ameríndias, africanas, crioulas e migrantes. Essa pluralidade reflete a própria história da América Latina e, por extensão, convida o Brasil a repensar seu lugar linguístico no continente. Para a educação básica e o ensino superior, tal perspectiva implica em ampliar o repertório cultural e linguístico dos estudantes, inserindo no currículo textos, músicas, produções orais e literárias que expressem a diversidade do mundo hispânico. O estudo de línguas em contato, como o palenquero, o papiamento, o garífuna chabacano, etc, pode revelar que a língua espanhola, assim como o português brasileiro, é um espaço essencialmente heterogêneo de construções linguístico-culturais.

Ao reconhecer essas línguas em contato como parte integrante do universo hispânico, o ensino de espanhol passa a se articular com uma pedagogia da diversidade linguística, que valoriza a multiplicidade de vozes e desafia a normatividade eurocêntrica. Essa abordagem vai ao encontro das propostas de educação linguística intercultural, que visam formar sujeitos conscientes das dimensões culturais e políticas da linguagem. Assim, um ensino plural

hispânico contribui para aproximar o espanhol do contexto brasileiro, historicamente conectado à América Hispânica por laços culturais, geográficos e afro-indígenas (Souza, 2023). Promover essa integração significa reconhecer as línguas afro-latino-americanas como expressões de uma episteme necessária (Almeida, 2022) e não como curiosidades folclóricas. Trata-se de transformar a sala de aula em espaço de reflexão sobre o poder e a linguagem.

Nesse sentido, a sociolinguística de contato pode ser aplicada tranquilamente à educação linguística, a partir de uma criação de ensino de língua anticolonial. Assim como o palenquero nasceu da fusão criativa de matrizes linguísticas africanas e ibéricas, o ensino do espanhol no Brasil deve nascer de um encontro entre culturas, memórias e saberes, reafirmando a pluralidade linguística como eixo epistemológico e pedagógico da América Latina.

Portanto, estudos como este podem servir como ferramenta pedagógica para conscientização histórica e linguística no ensino de espanhol. As línguas crioulas podem se caracterizar como recursos didáticos para: (a) problematizar a ideia de “norma” e expor a pluralidade hispânica; (b) promover ensino de espanhol sensível à diversidade regional e histórica; (c) articular conteúdos de história (tráfico atlântico, *cimarronaje*) com práticas linguísticas; (d) estimular estratégias de ensino inspiradas na oralidade (musicalidade, narrativa, dramatização) que conectam aprendizagem linguística e memória cultural.

## 2. METODOLOGIA

Esta investigação adota uma abordagem qualitativa, baseada em análise documental e comparativa de dados já descritos na literatura crioulística e nos estudos de contato linguístico afro-hispânico. Não se trata, portanto, de um estudo de campo empírico, mas de uma releitura crítica de *corpus*, cuja finalidade é identificar regularidades estruturais, continuidades históricas e padrões cognitivos subjacentes ao processo de crioulização do palenquero.

O corpus de referência foi construído a partir de obras clássicas e contemporâneas sobre o tema, com destaque para Lipski (2020), fonte central pela profundidade com que explora as interfaces entre o espanhol popular da região de Cartagena e o palenquero, complementada pelos estudos descritivos e históricos de De Granda (1968, 1978), Friedemann (1983), Schwegler (1996, 2002), Moñino (1998), Dieck (2000) e Navarrete (2008). A triangulação entre esses autores permitiu cruzar informações sobre léxico, fonologia, morfossintaxe, pragmática e uso social da língua, compondo um panorama integrado das dimensões linguísticas, históricas e socioculturais do fenômeno.

A metodologia segue, assim, uma lógica de revisão sistemática de literatura, estruturada

em três etapas principais:

1. *Levantamento e seleção de fontes*: foram catalogadas e revisadas obras de referência da linguística de contato, da crioulistica e da etnolinguística afro-colombiana, priorizando estudos que descrevem a estrutura do palenquero e suas relações com o espanhol e com as línguas bantas (kikongo e kimbundu). A seleção privilegiou publicações científicas e registros etnográficos reconhecidos pelo rigor metodológico e pela representatividade histórica.
2. *Análise estrutural comparativa*: com base nos dados disponíveis, procedeu-se à sistematização de correspondências entre o espanhol e as línguas africanas de substrato, especialmente o kikongo, identificando-se as transformações fonéticas, morfológicas e sintáticas resultantes do processo de crioulição. Essa análise foi organizada em quadros comparativos que evidenciam como o palenquero preserva a base lexical espanhola, ao mesmo tempo em que incorpora padrões gramaticais e fonológicos africanos, constituindo uma estrutura mista e autônoma.
3. *Síntese interpretativa*: a partir das correspondências observadas, a análise buscou relacionar os fenômenos linguísticos aos fatores socioculturais e cognitivos que condicionaram sua formação e preservação. Essa etapa interpretativa fundamenta-se na concepção de língua como prática social e cognitiva compartilhada, conforme os pressupostos de Mufwene (2001) e Bybee (2010), que concebem a mudança e o contato linguístico como processos ecológicos, cognitivos, historicamente situados e mediados pelo uso e interação social.

Metodologicamente, este estudo insere-se na tradição da sociolinguística histórica de contato, na medida em que busca compreender os processos de relexificação, simplificação e regramaticalização não apenas como mecanismos estruturais, mas também como respostas cognitivas e socioculturais de comunidades africanas em diáspora diante da imposição colonial. A abordagem é, portanto, interpretativa e interdisciplinar, dialogando com a linguística, a história e a antropologia para reconstruir o percurso de formação do palenquero e sua relevância na configuração identitária afro-colombiana. A metodologia adotada permite avaliar o estado da arte da língua e propor novas leituras epistemológicas sobre sua gênese, funcionamento e papel de resistência cultural. O artigo, portanto, posiciona-se como contribuição reflexiva e analítica ao campo da crioulistica e da linguística de contato, ao mesmo tempo em que busca articular tais saberes a perspectivas pedagógicas voltadas ao ensino de espanhol como língua adicional e à valorização da diversidade linguística latino-americana.

### 3. ANÁLISE DE DADOS

A análise de dados foi organizada em níveis linguísticos - fonético-fonológico, léxico-semântico e morfossintático - com base em informações documentadas por De Granda (1978), Friedemann (1983), Dieck (2000), Schwegler (2002) e Lipski (2020), e os dados foram sistematizados em quadros comparativos e interpretados sob a perspectiva da linguística de contato e da crioulística afro-hispânica, com ênfase na cognição social que caracteriza a formação das línguas crioulas do Atlântico. O português é incluído pontualmente como referência auxiliar, uma vez que também se constituiu, na América, em situações de contato com línguas africanas de base banta, como o kimbundu e o kikongo.

#### 3.1. Nível fonético-fonológico

O sistema sonoro do palenquero, apresenta uma combinação entre a fonologia do espanhol e as características fonêmicas das línguas banto. Além da nasalização vocálica, que confere à vogal uma ressonância típica africana, observa-se a neutralização de vibrantes em posição final de sílaba, resultando em simplificação articulatória. Outra marca significativa é a substituição da fricativa velar /x/ pelo glotal /h/, estratégia que reflete padrões de restrição consonantal do substrato africano. Esses ajustes criam um inventário fonêmico regularizado, adequado a uma língua de contato com fortes demandas comunicativas.

Do ponto de vista suprasegmental, essa língua mostra adaptações que fortalecem a estrutura rítmica, tendendo a favorecer sílabas abertas e acento inicial, fenômeno típico de muitas línguas banto, contrastando com a alternância acentual do espanhol padrão. Além disso, há uma tendência à redução ou elisão de encontros consonantais complexos, o que simplifica a cadeia sonora e aumenta a fluidez. O ritmo resultante desse contato, mais moraico e menos métrico, facilita a comunicação, reforçando a identidade linguística do palenquero e evidenciando uma convergência fonológica com outros crioulos e variedades afrolatinas.

Com base nos estudos de ritmo e acento de Massini-Cagliari (1992), é possível estabelecer que o ritmo métrico se refere à regularidade temporal baseada em padrões de acento, ou seja, na repetição periódica de sílabas tônicas que marcam os pulsos do discurso. Já o ritmo moraico fundamenta-se na duração das moras, unidades menores que a sílaba, determinadas pelo peso fonológico de cada segmento. Nesse tipo de ritmo, a temporalidade não depende apenas das sílabas ou dos acentos, mas da soma de moras que cada palavra contém. Nas línguas de ritmo silábico, como o espanhol e o francês, o tempo é medido pela sequência de sílabas de duração semelhante, cada sílaba tende a ter o mesmo peso temporal. Nas línguas de ritmo

acentual, como o inglês e o alemão, o tempo organiza-se pela repetição regular dos acentos, de modo que os intervalos entre sílabas tônicas são aproximadamente iguais, independentemente do número de sílabas entre elas.

O ritmo moraico, por sua vez, aparece em línguas em que a unidade básica do tempo é a mora, como no japonês, mas também em diversas línguas africanas de base tonal e em línguas crioulas de origem africana, como o palenquero. Nesses casos, a duração e o peso das vogais e consoantes finais (líquidas) contribuem para a estrutura rítmica, expressando tanto aspectos prosódicos quanto identitários e culturais herdados de línguas bantas e da África Ocidental. Assim, o ritmo métrico aproxima-se do acentual, por basear-se em pulsos regulares, enquanto o ritmo moraico descreve sistemas linguísticos nos quais o tempo é organizado a partir de unidades fonológicas menores, refletindo uma complexa interação entre som, duração e herança linguística.

Nas línguas africanas de base tonal, o ritmo da fala está profundamente ligado à duração das moras, unidades que compõem o tempo linguístico e musical. Nesses sistemas, essa organização prosódica é próxima à do ritmo moraico, em que o tempo é medido pela soma das moras. Assim, a oralidade africana tradicional se aproxima da cadência de tambores como o *bátá* iorubano, que reproduz a fala humana através de pulsos temporais equivalentes às moras linguísticas. Nas línguas crioulas esse mesmo princípio rítmico se manifesta como uma herança fonológica das línguas africanas em contato com as línguas coloniais. O ritmo dessas línguas tende a ser moraico ou híbrido, combinando o tempo silábico herdado do espanhol, francês ou português com o pulso tonal das línguas africanas. No palenquero, por exemplo, o alongamento vocálico e a alternância entre sílabas leves e pesadas expressam essa musicalidade da fala.

Assim, baseando-se em Alves (2025), é possível analisar esta realidade a partir do conceito da Tambolinguística, ao observar que a dimensão rítmica dessas línguas está intrinsecamente ligada ao tambor e às práticas afroreligiosas como o Candomblé, o Batuque, o Tambor de Mina, a Santería, o Lucumí, o Vodou, o Palo Monte etc. Nessas tradições, a palavra e o som são inseparáveis: o ritmo da língua orienta o toque do tambor e o toque do tambor reflete o ritmo da língua.

Quadro 1 -Traços fonético-fonológicos

<b>TRAÇOS</b>	<b>ESPAÑHOL</b>	<b>BANTO</b>	<b>PALENQUERO</b>
<b>INVENTÁRIO VOCÁLICO</b>	5 vogais orais /a, e, i, o, u/	7 vogais orais e nasais /i, e, ε, a, o, u/)	5 vogais orais, com variação nasal em contexto nasal
<b>FRICATIVAS E ASPIRAÇÃO</b>	/f, s, x/ (sem aspiração generalizada)	/f, s, z, h/ (presença de fricativas glotais)	/f, s, h/ com aspiração em final de sílaba
<b>VIBRANTES</b>	Dupla oposição /r/ – /r̄/	Ausência de oposição rótica	/r/ única, alveolar
<b>NASALIZAÇÃO</b>	Assimilação regressiva (não fonêmica)	Nasalização fonêmica distintiva	Nasalização alofônica em finais de sílaba e contextos nasais
<b>OCLUSIVAS INTERVOCÁLICAS</b>	/d/ e /b/ com alofonia	/d/ e /b/ frequentemente mantidas	/d/ frequentemente elidido e /b/ em menor freq. (acabado)
<b>PALATALIZAÇÃO</b>	Presente em <i>ch, ñ, ll</i> (/tʃ/, /ɲ/, /ʎ/)	Ausente ou reduzida	Reduzida: /ʎ/ → /j/ e /tʃ/ → /ʃ/
<b>TONALIDADE</b>	Não tonal	Tonal com 2–3 níveis contrastivos	Não tonal, mas com traços entoacionais descendentes
<b>RITMO E PROSÓDIA</b>	Ritmo silábico, entonação ascendente	Ritmo acentual, entonação descendente	Ritmo silábico com entonação descendente e pausas marcadas
<b>INTENSIDADE E TEMPO DE FALA</b>	Intensidade média, cadência fluida	Contraste de intensidade, tempo marcado	Intensidade modulada e tempo lento

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

### Comentários analíticos:

- O palenquero reduz o inventário espanhol, mas mantém resquícios de nasalização e harmonia vocálica, indício de substrato banto na percepção articulatória.
- A substituição de /x/ por /h/ reflete interferência fonética africana e aproxima-se de variedades afro-caribenhas e do português popular nordestino (*gente* > *hente*) e a neutralização rótica indica simplificação cognitiva e adequação articulatória conforme padrões fonológicos bantos.
- A persistência da nasalidade confere à língua uma coloração acústica específica e aproxima sua sonoridade à de dialetos afro-portugueses do Atlântico e vestígios tonais são reinterpretados como variações melódicas e expressivas na entonação discursiva.
- Fenômeno de lenição e elisão consonantal associado à economia articulatória e à oralidade contínua e a despalatalização sugere simplificação perceptiva e adaptação ao inventário afro.
- A cadência descendente e o ritmo constante configuram uma estética sonora que reproduz o pulso das línguas bantas e reforça a musicalidade dos discursos orais e o ritmo mais pausado e regular está associado à oralidade cerimonial e à função performática da fala.

De acordo com o quadro 1, essa convergência sonora revela não apenas uma mistura estrutural, mas também uma continuidade cognitiva: o ritmo e a entoação desta língua refletem modos de percepção sonora herdados das línguas africanas, preservando esquemas prosódicos de identidade coletiva. A análise fonético-fonológica mostra que a reorganização dos sons não foi aleatória, mas orientada por processos de adaptação articulatória e perceptiva próprios de falantes bantos submetidos à aquisição forçada de uma língua europeia. Em termos acústicos, o palenquero mantém a simplicidade vocálica do espanhol, porém conserva uma nasalidade perceptível e uma sonoridade mais grave e ritmada, resultado da influência prosódica do kikongo e do kimbundu.

Essa nasalidade é especialmente perceptível em finais de palavra e contextos intervocálicos, fenômeno que Lipski (2020) associa a uma tendência de assimilação regressiva típica das línguas tonais africanas. Além disso, a ausência de oposição fonológica entre as vibrantes /ɾ/ e /r/ indica um processo de neutralização que reflete tanto a economia articulatória quanto uma reorganização perceptiva da categoria “rótica” segundo padrões bantos, nos quais esse tipo de contraste não é produtivo. O mesmo ocorre com a palatalização: sons espanhóis como ll e ñ são reconfigurados para articulações mais abertas e alveolares, gerando variantes como /j/ ou /ʃ/, que conferem a essa língua crioula uma textura fonética característica e uma musicalidade reconhecível nas práticas orais e canções tradicionais da comunidade.

Outro aspecto crucial é a interferência prosódica e rítmica na fala desta língua crioula.

O espanhol é uma língua silábica, enquanto o kikongo apresenta padrões tonais e acentuais mais marcados; o resultado desse contato é uma prosódia híbrida, com acentuação rítmica mais regular e entonações descendentes que marcam a fronteira de grupos informacionais. Esse padrão, frequentemente observado em discursos cerimoniais e cantos fúnebres (lumbalú), reforça a relação entre língua e expressividade musical. As pausas, repetições e prolongamentos vocálicos servem não apenas como recursos discursivos, mas também como elementos de reforço identitário, associando a sonoridade ao pertencimento comunitário.

Tal como observado em comunidades afro-brasileiras de candomblés, esta língua crioula revela uma estética sonora baseada na repetição, na variação rítmica e na ressonância vocal, indícios de uma cognição coletiva moldada pela oralidade africana. Assim, sua fonologia não se limita a uma descrição estrutural: ela materializa a resistência acústica de um povo que transformou o trauma do contato colonial em uma forma própria de expressão sonora, onde a fala, o canto e a memória se entrelaçam como instrumentos de continuidade histórica e de afirmação cultural afro-americana.

### 3.2. Nível léxico-semântico

O léxico do palenquero combina base espanhola com vocábulos de origem banta, especialmente do kikongo. Os empréstimos não são apenas nominais, mas também culturais, pois nomeiam elementos da vida espiritual e social afrodescendente. A coincidência de alguns itens com o português (como *nguba* “amendoim” ou *kalunga* “mar”, “mundo espiritual”) reforça a ideia de um mesmo continuum afro-atlântico. Em continuidade, a semântica dessa língua é marcada pela polissemia e pela metáfora cultural. Termos de origem africana mantêm significados ampliados, ligados ao universo espiritual. A palavra *kalunga*, por exemplo, significa simultaneamente “mar”, “travessia” e “limite entre vida e morte”.

De acordo com Del Castillo (1982), Moñino (1998) e Schwegler (2002), essa multiplicidade léxico-semântica reflete a cosmovisão banta e mostra como o léxico atua como depositário de memória e resistência. Outros exemplos relevantes: *ngombe* designa “boi”, mas também símbolo de força e sacrifício ritual; *moná* (criança) estende-se a “filho espiritual” em contextos religiosos; *suto* (‘nós’) tem valor inclusivo, reforçando coletividade.

Quadro 2 -Traços léxico-semânticos

LEXEMA	ESPAÑHOL	BANTO	PALENQUERO	COMENTÁRIO ANALÍTICO
Criança	niño	mwana	moná	Adaptação fonética ( <i>mwana</i> → <i>moná</i> ); preservação do radical africano; extensão semântica para “filho espiritual”.
Boi	toro	ngombe	ngombe	Empréstimo direto; sem alteração fonológica; valor simbólico ligado à força e sacrifício ritual.
mar / mundo espiritual	mar	kalunga	kalunga	Léxico cosmológico preservado; polissemia: mar, travessia, limite vida/morte; resistência cultural.
amendoim	maní	nguba	nguba	Vocábulo afro-atlântico comum; indica continuidade cultural e resistência alimentar.
chefe / líder	jefe	nkaka / kankama	kankamaná	Derivação africana com adaptação morfológica híbrida; reflete organização social banta.
tabu / proibição	tabú	kisila	kisila	Léxico ritual preservado; evidência da transmissão cultural intergeracional.
nós	nosotros	suto	suto	Valor inclusivo; reforço de solidariedade comunitária; preservação de estruturas pronominais africanas.
trabalhar / labrar	trabajar	zola	zola	Adaptação semântica e fonética; evidencia continuidade léxica banta na ação produtiva.
falar / dizer	decir	tubá	tubá	Léxico ritual e cotidiano; preservação do verbo africano

LEXEMA	ESPAÑHOL	BANTO	PALENQUERO	COMENTÁRIO ANALÍTICO
fogo	fuego	nzumbi	nzumbi	Extensão semântica: fogo ritual; conotação simbólica ligada a energia e transformação.
espírito ancestral	alma	nkisi	nkisi	Manutenção do vocábulo africano; preservação de conceitos religiosos e cosmovisão.
caminho / passagem	camino	mpó	mpó	Polissemia: caminho físico e espiritual; metáfora cultural da travessia.
pessoa velha / sábia	viejo	tata	tata	Valor cultural: respeito, ancestralidade; vocábulo banto adaptado foneticamente.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Com a ilustração das figuras 3 e 4, o quadro 2 revela padrões claros de relexificação seletiva e resistência cultural. O palenquero apresenta uma base lexical majoritariamente espanhola para o cotidiano, enquanto vocábulos de origem africana permanecem associados a domínios simbólicos, espirituais e sociais, como religiosidade, organização comunitária e cosmologia. Essa dicotomia indica um processo de criouliização profundamente influenciado pelo contexto histórico de San Basilio, onde o contato intenso com o espanhol coexiste com a manutenção de elementos africanos estratégicos, reforçando a identidade afro-colombiana.

A polissemia é um traço semântico marcante. Termos africanos como *kalunga* não se limitam a um significado literal; carregam uma dimensão simbólica que conecta o mundo físico e espiritual. Essa característica, comum em línguas bantas (Guthrie, 1971), mostra como esta língua configura-se como um repositório de memória coletiva. Vocábulos como *moná*, *ngombe* e *suto* evidenciam a extensão semântica que ultrapassa o mero denotativo, incorporando valores de coletividade e pertencimento ancestral. De igual modo, o fenômeno de adaptação fonética e morfológica também é significativo. Termos africanos são frequentemente modificados para se integrar à fonologia espanhola, criando formas híbridas como *kankamaná* (de *nkaka/kankama*). Esse processo de adaptação não implica perda de significado, mas sim uma reconstrução

funcional no contexto da língua crioula, garantindo a sobrevivência de conceitos fundamentais para a vida cultural e religiosa da comunidade.

A análise evidencia que o palenquero funciona como língua de resistência, pois a preservação de léxico ritual e simbólico, junto à base lexical espanhola, ilustra uma estratégia de sobrevivência linguística e cultural em um contexto historicamente marcado pelo colonialismo, escravidão e políticas de homogeneização linguística (Escalante, 1970).

Figura 3 – Paisagem linguística 1: a língua de Palenque permanece vivendo com a música.



Fonte: <https://pt.juanballena.com/products/passeio-para-palenque-desde-cartagena>

Intitulada como “A língua de Palenque permanece vivendo com a música”, a figura 3 apresenta uma paisagem linguística vibrante de San Basilio de Palenque, na qual o léxico é destacado como elemento identitário e testemunho vivo de uma tradição afro-diaspórica que se mantém sobretudo pela música, pelos cânticos ritualizados e pela oralidade cotidiana. Termos como *miná* (moça, menina), *mini* (criança, pequeno[a]) e *nia* (coisa, algo) revelam a base banto que estrutura grande parte do vocabulário, enquanto itens funcionais como *ma* (marcador de plural), *ta* (partícula aspectual de progressividade e habitualidade) e *ku* (com) mostram o modo como a gramática palenquera reorganiza influências africanas e hispânicas em um sistema próprio. Outros vocábulos, como *bae* (ir/vai), *posá* (dormir, descansar), *agué* (água), *nbila* (olho) e *numano* (não mais), exemplificam usos cotidianos que emergem na fala comunitária, ao passo que *kandá* (cantar) e *kuagro* (irmandade/grupo juvenil organizado) remetem às práticas ancestrais, às sociabilidades e às formas coletivas de resistência cultural. A figura evidencia, portanto, como esta língua oferece um variado repertório lexical e constitui-se como

expressão espacializada da memória e da identidade do povo de San Basílio.

Figura 4 – Paisagem linguística do léxico palenquero 2: as crianças e seus ancestrais



Fonte: <https://co.pinterest.com/pin/graffiti-paleneque-de-san-basilio-entrance--537406168012663067/>

Já a Figura 4 apresenta outra paisagem linguística do palenquero, marcada pela inscrição: “Suto ma monasito ri palenge a ten ke entegesá mo chitía suto pa nu bae kaba”, traduzida livremente como “Nós, as crianças pequenas de Palenque, tínhamos que entregar algo aos nossos tios (mais velhos) para que nada de ruim acontecesse com a gente (para nós não acabarmos mal)”. Essa frase evidencia um traço fundamental da cultura desse grupo étnico observado: a forte presença de estruturas comunitárias protetivas, o respeito às hierarquias geracionais e o papel dos anciãos como guardiões da segurança, do conhecimento e da continuidade da tradição. O registro gráfico no espaço público reforça a vitalidade linguística e sua circulação intergeracional, demonstrando como o idioma atua simultaneamente como instrumento comunicativo e marcador de pertencimento, contribuindo à preservação da memória coletiva e se reafirmando como um bem simbólico indispensável à história de África e sua diáspora.

### 3.3. Nível morfossintático

Com base no quadro 3, pode-se afirmar que a morfologia do palenquero demonstra uma estratégia clara de simplificação e regularização típica de línguas crioulas. A redução das flexões verbais do espanhol é compensada pela introdução de partículas como *ta*, *a* e *tan*, que sinalizam tempo e aspecto de maneira transparente. Esse fenômeno indica não apenas influência africana, mas também um processo de regramaticalização orientado cognitivamente: a língua busca um equilíbrio entre economia de processamento e clareza comunicativa. A mudança do plural sufixal do espanhol (-s) para prefixos (*ma-*) ou a adaptação de pronomes de substrato banto (*suto*, *bo*, *ele*) evidencia a integração do substrato africano, que preserva certos padrões

morfológicos sem interferir na sintaxe geral.

No nível sintático, de acordo com Schwegler (1996) e Dieck (2000), o palenquero mantém a ordem básica SVO, refletindo tanto o modelo do espanhol quanto a estabilidade sintática comum às línguas banto. Contudo, há uma reorganização funcional na marcação de tempo, aspecto e negação. Por exemplo, a negação dupla (*no...ma*) espelha o padrão africano de reforço semântico (*ka...te*), proporcionando redundância que aumenta a inteligibilidade em contextos orais. A subordinação é simplificada por conectores invariáveis (*ku, pa*), que substituem as orações finitas complexas do espanhol, garantindo coerência lógica sem sobrecarregar a gramática.

A interação entre morfologia e sintaxe no palenquero mostra um padrão claro de transparência semântica e regularidade gramatical. A ausência de concordância verbal complexa e a redução de artigos refletem uma tendência cognitiva universal: formas morfológicas previsíveis facilitam a aprendizagem e a comunicação eficiente. Além disso, o uso de partículas para indicar tempo, aspecto ou negação, em vez de flexões derivadas, representa um fenômeno de gramaticalização híbrida, típico de contextos de contato intenso entre línguas europeias e africanas.

Em síntese, a estrutura morfossintática da referida língua evidencia uma reconfiguração crioulista, em que elementos do espanhol são reorganizados sob influência das línguas banto, produzindo uma língua altamente regular, transparente e adaptada às necessidades comunicativas de uma comunidade bilíngue. Tal análise reforça a importância de estudar línguas crioulas não apenas como variantes simplificadas, mas como sistemas linguísticos complexos com estratégias cognitivas e sociais próprias.

Quadro 3 - Traços morfossintáticos

CATEGORIA	ESPAÑHOL	BANTO	PALENQUERO	COMENTÁRIO
Plural	-s (casas)	prefixo <i>ba-</i>	<i>ma-</i> ( <i>ma gente</i> )	Mudança de sufixo para prefixo; calco estrutural do padrão banto, c/economia cognitiva e regularidade.
Tempo / Aspecto	Flexão verbal	Prefixos / partículas	<i>ta, a, tan</i>	Gramaticalização de partículas temporais; simplificação das flexões espanholas e analogia com sistemas de aspecto banto.
Genitivo / Posse	<i>de</i>	Prefixos possessivos	<i>di</i> ( <i>kasa di suto</i> )	Fusão semântica e sintática; <i>di</i> atua como marcador híbrido de posse, refletindo influência africana.
Negação	<i>no</i>	Dupla <i>ka...te</i>	<i>no...ma</i>	Estrutura de dupla negação; reforço pragmat.; reestruturação típica de crioulos.
Pronomes pessoais	yo, tú, él, nosotros	mono, nge, yeye	suto, bo, ele	Integração de pronomes banto, com simplificação paradigmática e transparência semântica.
Ordem básica	SVO	SVO	SVO	Mantém estabilidade sintática intergeracional.
Subordinação / Conectores	orações finitas, <i>que</i>	conectores	conectores simplificados ( <i>ku, pa</i> )	Redução estrutura típica de crioulos, mantendo funcionalidade.
Intensidade / Ênfase	advérbios e partículas	ênfase via repetição	partícula <i>ma</i>	Marca ênfase ou reforço negacional; estratégia pragmática derivada de substrato banto.
Concordância verbal	flexão de pessoa e número	prefixos de sujeito	sem concordância marcada, uso de pronomes	Simplificação radical; transparência cognitiva; favorece regularidade e aprendizagem rápida.
Artigos	<i>el, la, los, las</i>	não usual	<i>e</i> (artigo definido), uso limitado	Redução morfológica; preferência por formas invariáveis; simplificação típica de línguas crioulas.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise desenvolvida, afirma-se que o palenquero constitui-se como um exemplo paradigmático de língua crioula afro-hispânica que evidencia a complexidade e a criatividade linguística emergente de contextos de contato intenso entre o espanhol colonial e as línguas africanas do grupo banto. A investigação revelou que a língua apresenta traços gramaticais que não apenas refletem processos de simplificação e regularização típicos de línguas crioulas, mas também incorporam estratégias sociocognitivas herdadas do substrato africano, como a manutenção de nasalização, adaptação de padrões rítmicos e harmonia vocálica, e preservação de vocábulos de significado simbólico e ritual. Assim, corrobora-se a noção de que o palenquero é uma língua funcional e estruturada, não sendo um simples “espanhol corrompido”, mas sim um sistema linguístico híbrido com autonomia própria, fruto da interação criativa entre diferentes tradições linguísticas e culturais.

A preservação de padrões sonoros de línguas africanas configura o palenquero como um instrumento de continuidade histórica, reforçando a perspectiva da sociolinguística de contato e da crioulistica como campos capazes de revelar não apenas transformações estruturais, mas dimensões cognitivas e sociopolíticas do uso da língua. Em continuidade, no nível léxico-semântico, os resultados indicam que se combina uma base lexical espanhola para o cotidiano com lexemas bantos associados a domínios ritualísticos, espirituais e sociais. Essa dicotomia evidencia um processo seletivo de relexificação, no qual elementos africanos estratégicos são preservados em favor da memória e identidade. Já na morfossintaxe, a adoção de partículas para indicar tempo e aspecto, a transformação do plural sufixal em prefixos e a integração de pronomes de substrato africano apontam para um processo de gramaticalização híbrida orientado cognitivamente, voltado à transparência semântica e à eficiência comunicativa.

Os dados indicam que o estudo contribui a políticas de revitalização linguística, a práticas pedagógicas anticoloniais e a desenvolver estratégias que conectem aprendizagem à consciência histórica. Além disso, a pesquisa sugere que a análise de línguas crioulas pode servir como modelo que contribui ao reconhecimento de epistemologias e à promoção de justiça social nos espaços educacionais. Em síntese, o artigo confirma que o palenquero representa um patrimônio linguístico-cultural e cognitivo de valor inestimável, cuja análise oferece subsídios para a anticolonização do saber linguístico, a reflexão sobre identidade afro-latino-americana e a políticas de ensino e preservação de línguas em contextos de contato histórico. A língua, portanto, não é um mero objeto científico, mas um agente de transformação sociocultural, capaz de inspirar práticas educativas, políticas culturais e projetos de valorização da diversidade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fabio de. Epistemicídio. In: Cristiane Landulfo; Doris Matos. (Org.). *Suleando conceitos e linguagens: decolonialidades e epistemologias outras*. 1ed. Campinas: Pontes Editores, 2022, v. 1, p. 163-168.

ALVES, Davidson. Tambolinguística e autoetnografia: possibilidade teórico-metodológica para o estudo das línguas de territórios pretos afrodiáspóricos. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, SP, v. 64, 2025. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8677198>. Acesso: 12/11/25.

ARENDS, Jacques; MUYSKEN, Pieter; SMITH, Norval. *Pidgins and Creoles. An introduction*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1994.

ARRÁZOLA, Roberto. *Palenque, primer pueblo libre de América*. Cartagena: Ediciones Hernández, 1970.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CANDAU, Vera Maria (Org.) *Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e posturas*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2009.

De GRANDA, German. La tipología “criolla” de dos hablas del área lingüística hispánica. *Thesaurus*, 23, pp. 193–205, 1968.

De GRANDA, German. *Estudios lingüísticos hispánicos, afrohispanicos y criollos*. Madrid: Gredos, 1978.

DEL CASTILLO, Nicolás. *Esclavos Negros en Cartagena y sus Aportes Léxicos*. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1982.

DIECK, Marianne. *La negación en palenquero. Análisis sincrónico, estudio comparativo y consecuencias teóricas*. Frankfurt/ Madrid: Vervuert/ Iberoamericana, 2000.

ESCALANTE, Aquiles. Palenquero: A Spanish-based Creole of Northern Colombia. *Lingua* 24, pp. 254–267, 1970.

FRIEDEMANN, Nina S. de. Palenque de San Basilio, historia y organización social. In: Nina S. de Friedemann & Carlos Patiño Rosselli, *Lengua y Sociedad en el Palenque de San Basilio*, Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, p. 17-82, 1983.

GUTHRIE, Malcolm, *Comparative Banto*, 4 tomos, Farnborough Hants, England, Gregg International Publishers., 1971.

HAUGEN, Einar. The ecology of language. In: DIL, Anwar S. *The ecology of language: Essays by Einar Haugen*. Stanford: Stanford University Press, 1972 [1959], p. 325-339.

HOLM, John. *An introduction to Pidgins and Creoles*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

LIPSKI, John. *Palenquero and Spanish in Contact: Exploring the Interface*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2020.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *Acento e Ritmo*. São Paulo: Contexto, 1992.

MERRIAM-Webster Dictionary. 2025. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/creolized%20language> e <https://www.merriam-webster.com/dictionary/pidgin>. Acesso em 11 nov. 2025.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade, o lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. RBCS Vol. 32 n° 94 junho, 2017.

MOÑINO, Yves; SCHWEGLER, Armin (eds.), *Palenque, Cartagena y Afro- Caribe: historia y lengua*, Tübingen: Niemeyer, 2002.

MOÑINO, Yves. El proceso de formación de las lexías en la lengua criolla de Palenque: ¿Simplificación o reestructuración?, MS, *Seminario del CCELA*, Universidad de los Andes, Bogotá, 19-30 de octubre de 1998.

MUFWENE, Salikoko. *The ecology of language evolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

NAVARRETE, Maria Cristina. *San Basilio de Palenque: memoria y tradición*. Cali: Universidad del Valle, 2008.

QUIJANO, Aníbal. Coloniality of power, ethnocentrism, and Latin America. *Nepantla*, 1 (3): 533-580, 2000.

SANTOS, Boaventura de S. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes, In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*, São Paulo: Cortez 2010.

SCHWEGLER, Armin. El vocabulario africano de Palenque (Colombia). Segunda parte: compendio alfabético de palabras (con etimologías). In: Moñino, Y.; Schwegler, A. (eds.), *Palenque, Cartagena y Afro-Caribe: historia y lengua*, Tübingen: Niemeyer, pp.171-226, 2002.

SOUZA, Fabiana O. de. Um poetry slam indígena: a poesia falada no Slam Coalkan. *Literatura: teoría, historia, crítica*, v. 25, p. 221-243, 2023.

THIONG'O, Ngugi wa. *Decolonizing the Mind: The Politics of Language in African Literature*. London: Heinemann, 1986.

THOMASON, Sarah G.; KAUFMAN, Terrence. *Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics*. Berkeley: University of California Press, 1988.

WALSH, Catherine. *Interculturalidad, Estado, sociedade: luchas (des)coloniales en nuestra época*. Quito, Universidad Andina Simon Bolívar e Abya-Yala, 2009.